

SONO, SONAMBULISMO, ÊXTASE E DUPLA VISTA

Claudio C. Conti

“O homem é para si mesmo um mistério vivo. De seu ser não se conhece nem utiliza senão a superfície. Há em sua personalidade profundezas ignoradas em que dormitam forças, conhecimentos, recordações acumuladas no curso das anteriores existências, um mundo completo de idéias, de faculdades, de energias, que o envoltório carnal oculta e apaga, mas que despertam e entram em ação no sono normal e no sono magnético.”

Léon Denis; No Invisível – pg 131

O Espiritismo veio ensinar um número infinito de lições, para o ser humano, a respeito de si mesmo. Contudo, é preciso reconhecer que esta afirmação pode causar estranheza naqueles que não têm conhecimento mais aprofundado, acreditando que o Espiritismo não passa de uma doutrina que apresenta conceitos de ordem moral, todavia, vai muito mais além, pois traz as explicações para a necessidade da aplicação destes conceitos.

Neste processo de autoconhecimento, verifica-se que em vários momentos e atitudes que erroneamente não se credita muita importância, podem ser imprescindíveis para a manutenção da harmonia interior. Um destes momentos é quando o corpo adormece, mas, na sua condição de espírito, o indivíduo se mantém ativo.

Sono, sonambulismo, êxtase e dupla vista são fenômenos a que o espírito está sujeito e, devido ao pouco conhecimento sobre estas questões, muitas podem ser as conseqüências devido a uma avaliação errônea, por parte de profissionais da área médica, quando deparados com pacientes sujeitos a tais ocorrências. Contudo, devido a semelhanças e peculiaridades de cada uma, apresentam uma certa dificuldade para o seu entendimento.

Quais seriam as semelhanças e as diferenças entre sono, sonambulismo e êxtase? E a dupla vista estaria relacionado a esses assuntos? Para responder estas perguntas é preciso, primeiramente, esclarecer que todos estes fenômenos estão baseados no mesmo princípio: a emancipação da alma. Emancipação significa libertação e que, para isso, é necessário uma predisposição do organismo físico.

Para compreendermos esta questão, é preciso uma breve introdução.

Sabemos que o ser humano é formado por 3 partes principais: o espírito, o perispírito e o corpo físico. Na erradicidade, isto é, na vida como espírito desencarnado, o espírito mantém o seu perispírito, portanto, o espírito sempre manterá o seu primeiro invólucro, o perispírito. Contudo, a constituição do perispírito não é a mesma para todos os espíritos; dependendo do seu grau de adiantamento será mais ou menos sutil. É fácil de compreender que a quantidade de matéria que envolve o espírito proporcionará limitações para sua vida, pois o mesmo ocorre conosco, não podemos comparar a versatilidade que temos durante o inverno, quando normalmente vestimos roupas pesadas, com o verão, quando usamos roupas mais leves.

É isto o que diz o O Livro dos Espíritos na questão 186.

186. *Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?*

“Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros.”

No momento da fecundação do óvulo, o espírito, juntamente com o perispírito se liga ao ovo presidindo, então, a formação do corpo. Durante este processo, como é apresentado no livro A Gênese, o perispírito se liga ao corpo físico molécula a molécula, pois se um está sendo moldado pelo outro, é óbvio que deva existir uma superposição exata, um casamento perfeitos de todas as partes. Contudo, não devemos imaginar que o espírito esteja encarcerado no corpo; a questão 141 d'O Livro dos Espíritos deixa bem claro:

141. *Há alguma coisa de verdadeiro na opinião dos que pretendem que a alma é exterior ao corpo e o circunvolve?*

“A alma não se acha encerrada no corpo, qual pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro de sonoridade. Neste sentido se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso constitua o envoltório do corpo. A alma tem dois invólucros. Um, sutil e leve: é o primeiro, ao qual chamamos *perispírito*, outro, grosseiro, material e pesado, o corpo. A alma é o centro de todos os envoltórios, como o gérmen em um núcleo, já o temos dito.”

No outro extremo, isto é, no momento da desencarnação, quando ocorre a morte do corpo físico, ocasião em que não apresenta mais condições de ser animado pelo espírito, o processo se dá de modo inverso, ocorre o desligamento do perispírito, e o espírito está liberto da matéria densa, porém não completamente liberto, pois ainda estará revestido do seu perispírito. Em resumo, o grau de liberdade do espírito estará relacionado com o seu grau evolutivo.

Sabemos que os espíritos manipulam os fluidos, matéria sutil, através do pensamento. A matéria no estado de fluido é facilmente moldável, capaz de ser influenciada sob a mais leve pressão, sendo o perispírito uma condensação destes fluidos em torno da inteligência e que serve de ligação entre o espírito e a matéria densa.

Sob este prisma pode-se conduzir o seguinte raciocínio: temos, de um lado, algo tão imaterial como o espírito e na outra extremidade algo tão material como a matéria densa, então, para que possa haver uma comunicação perfeita entre estes dois extremos, podemos compreender que a composição do perispírito de um mesmo Espírito e, conseqüentemente, a sua densidade deva, também, variar seguindo um sistema de camadas, onde as camadas mais sutis do perispírito ficam mais próximas do Espírito, se adensando gradativamente até entrar em contacto com o corpo físico. A camada mais exterior, a mais densa, chamada de “duplo etérico”, se dissipa quando se dá a morte do corpo físico.

De volta ao assunto, todas as vezes que nos preparamos para dormir, estamos, na verdade, nos preparando para um desprendimento. Durante o sono o espírito se liberta parcialmente do corpo físico, mantendo-se ligado pelo cordão fluídico, que funciona como um fio condutor, onde o espírito é capaz de receber e transmitir informações do e para o corpo físico que permanece dormindo. Desta forma, mesmo com o espírito estando afastado do corpo, este não é um navio a deriva, o capitão, que no caso é o espírito, mantém o controle sobre a situação.

Isto pode até parecer muito estranho, mas o espírito tem uma grande necessidade destes momentos de libertação, não sendo nem mesmo necessário que se esteja em sono profundo, como descrito na questão 407.

407. *É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito?*

“Não; basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre a sua liberdade. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre, quanto mais fraco for o corpo.”

Neste estado, que é chamado de desdobramento, o espírito poderá se deslocar livremente, o cordão fluídico não exerce nenhum impedimento, haja vista que é altamente elástico, podendo se estender a longas distâncias.

É preciso ter em mente que o espírito desdobrado, podendo se deslocar livremente, irá para o local que lhe interessar. Desta forma, alguém preocupado com seu trabalho poderá, durante o sono, se ocupar de seu ofício profissional; aqueles que gostam de festas e lugares barulhentos irão, com toda certeza para boates, bares, etc.; aqueles que se dedicam ao estudo, irão para locais onde estejam sendo realizadas reuniões de estudo; ainda existem aqueles que, devido ao ócio, nem saem do quarto, permanecendo ao lado do corpo em completa inércia.

Assim, além de refazer as forças do corpo, o sono é também uma grande oportunidade do espírito se encontrar com seus entes amados que já se encontram na outra esfera de ação. É a forma de sempre nos mantermos em contato com a verdadeira realidade, que é a vida espiritual.

Embora possa parecer estranho que se diga que quando se dorme o espírito passeia e, quando acordado, não se consegue lembrar do que aconteceu, na situação de encarnado os sentidos são muito limitados, e esta limitação é feita pelos órgãos físicos, o indivíduo comum, aquele que não possui capacidade mediúnica exacerbada, somente consegue manter a lembrança daquilo que lhe chega por intermédio dos órgãos corporais. É o que nos informa os espíritos na questão 403 de O Livro dos Espíritos.

403. Por que não nos lembramos sempre dos sonhos?

“Em o que chamas sono, só há o repouso do corpo, visto que o Espírito está constantemente em atividade. Recobra, durante o sono, um pouco da sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros, quer neste mundo, quer em outros. Mas, como é pesada e grosseira a matéria que compõe, o corpo dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu, porque a este não chegaram por intermédio dos órgãos corporais.”

Desta forma é possível usufruir os benefícios do esquecimento durante a vida terrena, pois as recordações de existências passadas poderiam comprometer o bom andamento das atribuições na presente encarnação. Conseqüentemente, se fosse possível a lembrança das vivências durante o período que se encontra desdobrado, ocasiões em que pode haver uma correspondência com vidas anteriores, o espírito poderia correlacionar as pessoas com quem convive com aquelas com que já viveu, o que poderia trazer graves malefícios.

Muitos acreditam que seria muito mais fácil repararem erros cometidos anteriormente se não houvesse o esquecimento completo do passado. Lendo os vários relatos que se encontra na literatura espírita, e considerando que a grande maioria ainda se encontra em níveis evolutivos muito parecidos, pode-se concluir que as histórias de muitos destas personagens dos livros representa o comum da humanidade. Seria muito desgastante se fosse possível lembrar dos absurdos que foram cometidos outrora.

Contudo, para aquele que realmente acredita na necessidade de conhecer o passado, não é necessário muito esforço, basta apenas analisar sua vida atual, suas dificuldades, seja de

relacionamento ou de aceitação própria, assim como suas virtudes, para ter consciência dos tipos de erros cometidos e das aquisições.

Assim, Leon Denis, no livro *O Invisível*, pg. 156 e 157, dividiu os sonhos em três tipos principais:

- Sonho ordinário – puramente cerebral, simples repercussão das disposições físicas ou preocupações morais, além do reflexo das impressões arquivadas no cérebro durante a vigília.
- Primeiro grau de desprendimento – mergulha no oceano de pensamentos e imagens, que de todo lado rolam no espaço, deles se impregna, e aí colhe impressões confusas, tem estranhas visões e inexplicáveis sonhos, podendo mesclar com reminiscências de vidas anteriores.
- Sonhos etéreos – o espírito se subtrai à vida física, desprende-se da matéria, percorre a superfície da Terra e a imensidade, onde procura os seres amados e guias espirituais.

Em resumo, há três tipos do que é considerado sonho, sendo que um deles, o último, corresponde a lembranças das vivências do espírito enquanto desdobrado.

Considerando, agora, que o espírito desdobrado esteja em condições de usufruir uma maior liberdade de ação, que seria o sonambulismo. Estando mais liberto, o espírito terá percepções muito mais apuradas que no sonho.

Neste estado, o espírito poderá inclusive usar o seu próprio corpo para efetuar qualquer ação, neste caso é que se dá o fenômeno de sonambulismo comumente conhecido, quando a ação do espírito sobre o corpo não é o mesmo de quando está em vigília. O processo é semelhante ao que ocorre quando um espírito atua sobre uma mesa, por exemplo, com a única diferença de que, para atuar sobre a mesa, o espírito necessita de um médium de efeitos físicos para doar fluido vital, enquanto que no sonambulismo não há esta necessidade, pois o próprio corpo já está saturado deste fluido.

Liberto de suas vestes corporais, o espírito poderá perambular livremente, com isso, poderá visitar locais e descrevê-los.

A capacidade do espírito é realmente impressionante e o estudo destas faculdades fascina, contudo, pode-se questionar do porquê não é possível usufruir destas faculdades de forma mais intensa, isto é, mantendo a consciência de tudo.

Infelizmente, a humanidade ainda não tem condições morais suficientemente desenvolvidas para usar destas faculdades. O homem ainda utiliza seu conhecimento para benefício próprio e, muitas vezes, por meios ilícitos. Já foi divulgado que, durante a Segunda Guerra, foram realizados experimentos com sonâmbulos para visitarem, em espírito, as defesas do inimigo e descrevê-las. Isto seria a utilização de uma faculdade espiritual para fazer espionagem.

Poder-se-ia imaginar que, caso este processo fosse difundido e, obviamente, com total controle da situação, com certeza não tardariam as firmas de segurança especializadas em “guardas espirituais”.

As seguintes questões de *O Livro dos Espíritos* esclarecem em maior profundidade:

432. *Como se explica a visão a distância em certos sonâmbulos?*

“Durante o sono, a alma não se transporta? O mesmo se dá no sonambulismo.”

433. *O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica depende da organização física, ou só da natureza do Espírito encarnado?*

“De uma e outra. Há disposições físicas que permitem ao Espírito desprender-se mais ou menos facilmente da matéria.”

434. *As faculdades de que goza o sonâmbulo são as que tem o Espírito depois da morte?*

“Somente até certo ponto, pois cumpre se atenda à influência da matéria a que ainda se acha ligado.”

Analisando o sono e o sonambulismo, é possível reconhecer que existem algumas gradações com que o espírito poderá se libertar do corpo físico.

Agora, diante desta teoria, se torna mais fácil a compreensão do êxtase, que nada mais é do que um estado ainda mais liberto do que no sonambulismo. Estando mais liberto, o espírito poderá ir a lugares mais longínquos, usufruirá maiores possibilidades de ação.

Durante o sono e o sonambulismo, o espírito transita pela Terra, podendo vivenciar experiências tanto do mundo material quanto do mundo espiritual, porém o extático é capaz de visitar mundos mais etéreos, superiores ao que vivemos, e vislumbrar as suas maravilhas e a felicidade. Nesta condição, como diz Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, pg 243:

No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente, pode-se dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio, que mais um pequenino esforço quebraria sem remissão.

Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que constitui a essência mesma do nosso ser imaterial. Inteiramente entregue a tão sublime contemplação, o extático encara a vida apenas como paragem momentânea. Considera os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo quais incidentes fúteis de uma viagem, cujo termo tem a dita de avistar.

É fácil de compreender que esta faculdade é um pouco “perigosa”, pois existe a possibilidade do espírito, diante do reconhecimento da existência de mundos onde que impera a felicidade, não querer mais retornar ao mundo de sofrimento em que se encontra, nesta situação ocorreria o desencarne do espírito. Todavia, o estudo é de fundamental importância para se ter o conhecimento de que, terminando com a vida corpórea nesta condição, seria um caso de suicídio, com isso, não estaria ajudando em nada para viver naquele mundo, mas, na verdade, estaria se distanciando muito mais daquele mesmo mundo que gostaria de viver.

Finalmente, a dupla vista.

Sendo também um estado de despreendimento, ocorre em estado de vigília, o espírito liberto momentaneamente, é capaz de entrar em contato com o mundo espiritual, podendo usufruir algumas de suas propriedades de espírito liberto. Nesta condição, é capaz de ver, sentir e ouvir além das limitações impostas pelo organismo físico.

Sabemos que os sentidos pertencem ao espírito e não ao corpo físico, o corpo apenas exerce limitações ao mundo material em que se vive. Liberto, mesmo que momentaneamente, o espírito é capaz de ver além e através dos obstáculos físicos.